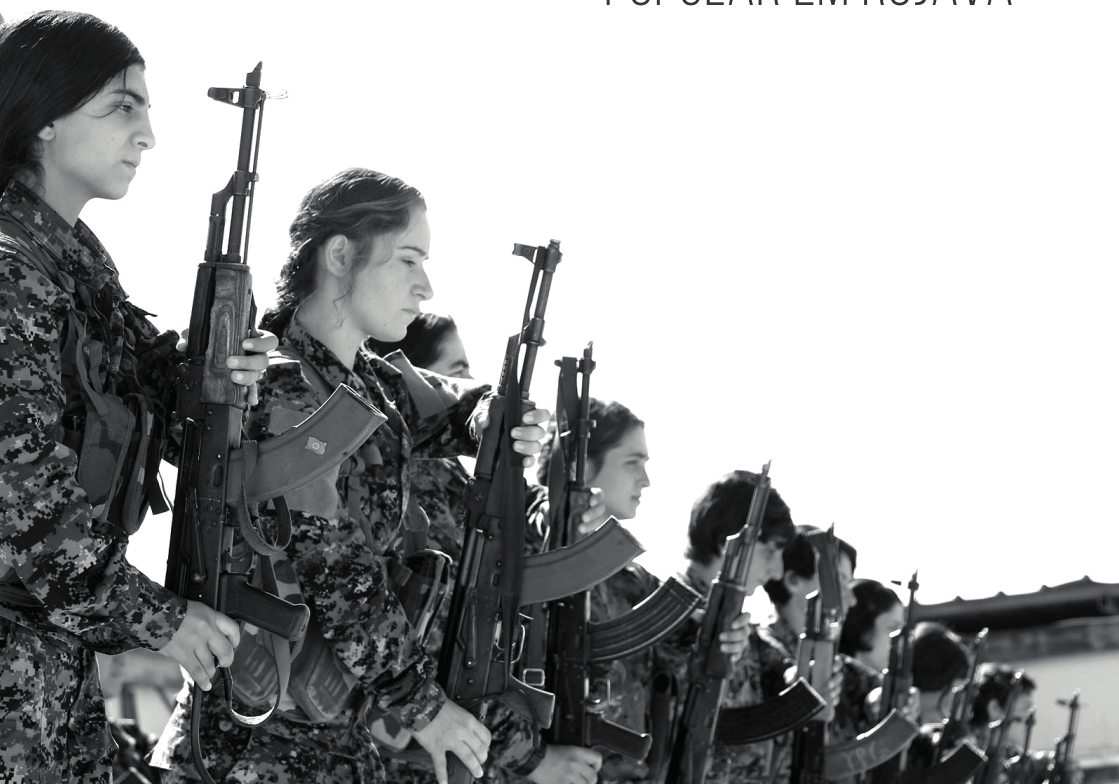


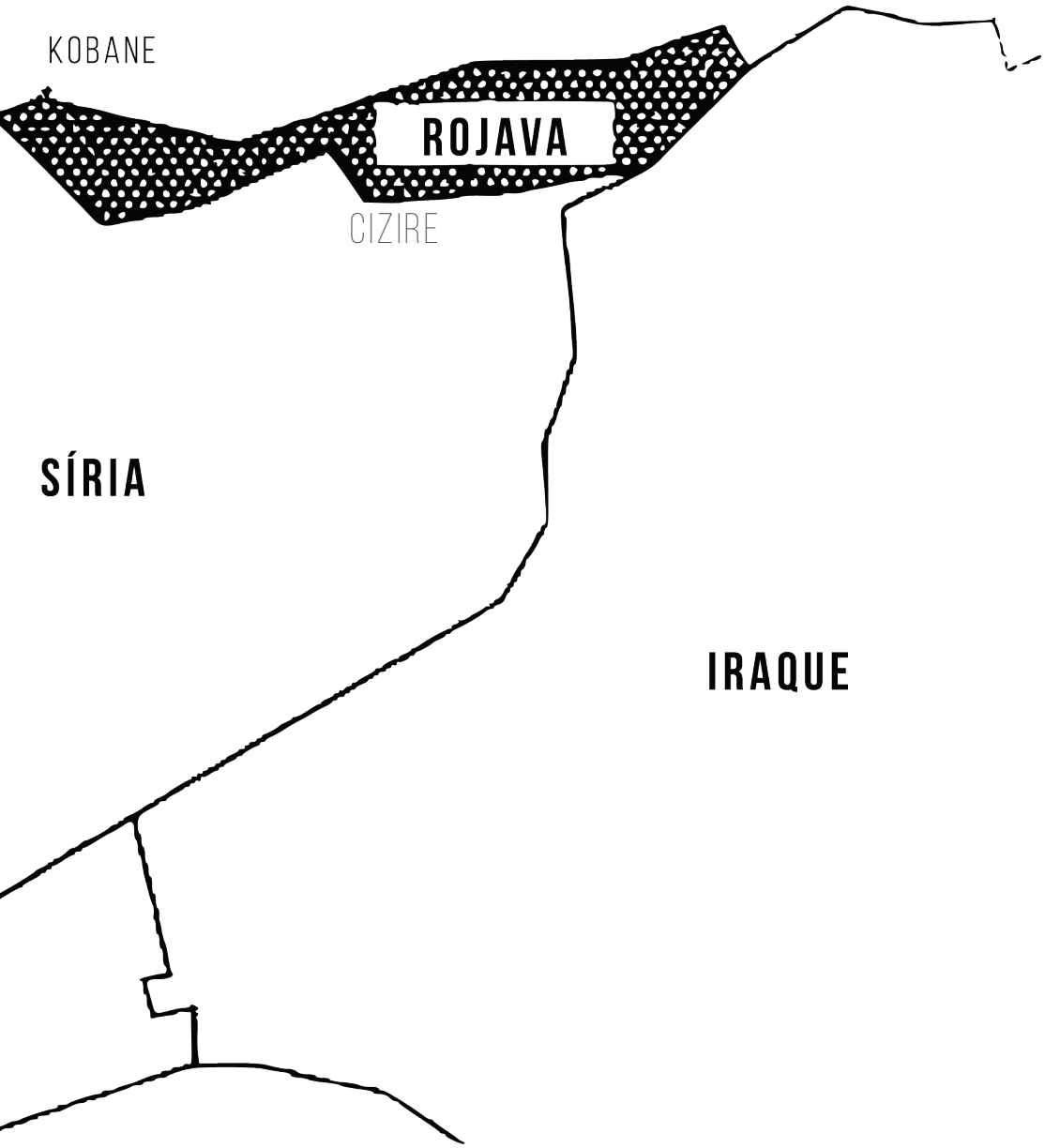
UM RIO DE MONTANHA TEM MUITAS CURVAS

INTRODUÇÃO À REVOLUÇÃO
POPULAR EM ROJAVA



TURQUIA





KOBANE

ROJAVA

GIZIRE

SÍRIA

IRAQUE

INFORMAÇÕES BÁSICAS:

Nome: “Rojava” é uma palavra que significa tanto “Oeste” quanto “pôr do sol” em curdo.

Geografia: Rojava fica no norte da Síria e na parte ocidental do chamado Curdistão. A área se estende por mais de 2.000 quilômetros quadrados (quase seis vezes o tamanho de Belo Horizonte).

Estrutura Política: Rojava é nome de toda a região curda no norte da Síria que é composta por três “cantões” autônomos e confederados: Efrin, Cizire e Kobane. Esses três territórios não geograficamente contínuos, pois são cortados por zonas controladas por outros grupos não-curdos na Síria. Cada cantão tem seu próprio hino e sua própria bandeira. A estrutura de tomada de decisões é construída por vários conselhos. O tamanho médio de um conselho de um bairro é de 30 a 150 famílias. Um conselho de uma cidade ou distrito é composto por 5 ou até 17 conselhos de bairro (contando com conselhos de trabalhadoras, religiosos ou voluntários). O conselho do distrito escolhe duas pessoas para o conselho da cidade (um homem e uma mulher). Também escolhe quem fica na segurança e nas milícias populares (YPG) e nas milícias de mulheres (YPJ).

População: Desde o início da guerra civil na Síria, a população de Rojava dobrou, chegando a 4,5 milhões de pessoas. Muitas pessoas que não seguiram rotas de migração pelos países vizinhos, como Iraque e Turquia, foram para Rojava fugindo tanto da repressão do governo sírio de Bashar al-Assad quanto do terror do Estado Islâmico. A população conta com uma pluralidade étnica e religiosa onde convivem povos curdos, árabes, assírios, turcomenos e yázidis. A população curda no mundo é estimada em cerca de 30 milhões de pessoas, vivendo em vários países diferentes. Etnicamente, curdos não são árabes e suas origens estão próximas à do povo persa.

Economia: O principal recurso econômico da região em Rojava é o petróleo: cerca de 40.000 barris por dia. Todas as refinarias na Síria ficam

no sul do país, então as refinarias construídas em Rojava foram erguidas muito esforço e faça-você-mesmo. Antes da guerra haviam algumas indústrias e produção de concreto e metal fundido, mas sua estrutura foi danificada em meio aos conflitos. Rojava também é considerada o “celeiro da Síria”. Acomodada entre os rios Tigre e Eufrates, a região é a maior produtora de grãos, algodão e rebanhos de ovelha. Era a única região agrícola na Síria a ter um negócio de exportação próspero antes da guerra.

Milícias: As principais forças de combate de Rojava são as milícias voluntárias (YPG e YPJ). As unidades do YPG / YPJ contam com cerca de 40.000 combatentes com armamentos leves. A maioria das armas são metralhadoras e lançadores de foguetes leves. Eles também reutilizaram cerca de 40 caminhões de lixo e outros caminhões pesados convertidos em veículos blindados de transporte de pessoal. As milícias não possuem aviões.

Estado Islâmico/EI/Isis ou Daesh: O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS na sigla em inglês ou EI em português) é uma organização jihadista que surgiu em meio à tragédia humanitária causada pela intervenção estadunidense no Iraque. Tem por objetivo criar um Califado no Orientes Médio, exterminar não seguidores do islamismo, escravizar mulheres e dominar territórios. Entre os povos que resistem à suas ofensivas, como o povo curdo em Rojava, o EI é chamado de Daesh, que em árabe tem uma conotação pejorativa de “valentão” ou “bully”.

YPG: Yekineyen Parastina Gel (Unidades de Defesa Popular) são milícias populares atuônomas de Rojava encarregadas de defender a região. Foram criadas em 2004, mas ficaram publicamente conhecidas em 2011.

YPJ: Yekineyen Parastina Jinê (Unidades de Defesa das Mulheres) são as milícias compostas exclusivamente por mulheres criada em 2013. Desempenham um papel fundamental no combate ao Daesh, e como referência de empoderamento e libertação das mulheres.

UM RIO DE MONTANHAS

TEM MUITAS CURVAS:

uma introdução à revolução de Rojava

É uma tarefa praticamente impossível traçar as curvas e os afluentes de um dos movimentos de resistência contemporâneo mais longos do mundo — a luta de 150 anos que se estende desde o domínio do Império Otomano até as sangrentas guerras civis de hoje na Síria e no Iraque. Livros poderiam e são escritos sobre a história, resistência e esperança pela liberdade de mais de 25 milhões de curdos dispersos por quatro Estados ferozes e opressivos. Este pequeno volume não abrange toda complexidade da história deste povo e sua longa luta, também não é um ensaio acerca da geopolítica maquiavélica que oprimiu dezenas de milhões de pessoas por gerações. Este texto é uma ponte entre nós, radicais do Ocidente — que nos tornamos cínicos à ideia de que qualquer coisa realmente pode mudar — e aqueles que ousaram uma experiência de liberdade em uma das partes mais perigosas do mundo, contra inimigos tão absurdamente repressivos e selvagens que parecem ter vindo de um roteiro de Hollywood. Precisamos de algum contexto para de fato compreender as palavras e as ideias dos rebeldes de Rojava, senão podemos facilmente ser seduzidos por um excesso de simplificações e distorções — como as alegações de que a luta em Rojava é uma repetição da Revolução Espanhola ou que é uma atualização mais refinada da luta de libertação nacional de inspiração maoista. Esses equívocos não são cometidos apenas pelos radicais — até o governo dos EUA parece confuso, pois o departamento de defesa ao mesmo tempo que coloca vários grupos de Rojava na lista de vigilância ao terrorismo, apoia e faz alianças com combatentes curdos.

Com tanta desinformação e confusão sobre esta luta pouco compreendida, é muito fácil para os radicais simplesmente a ignorarem, afirmando que não há muito o que podemos saber e

entender. No mundo de hoje, de controle sufocante por parte do Estado e domínio das grandes empresas, seria um erro e uma falta de solidariedade ignorar as lutas nessa obscura região do norte da Síria agora chamada Rojava. Para inspirar nosso trabalho, precisamos escutar aqueles que constroem frágeis e imperfeitos oásis de liberdade. As pessoas que arriscam suas vidas nos escombros de Kobane precisam do nosso apoio não somente por resistirem aos assassinos reacionários e fanáticos que querem matar cada um deles, mas também na tentativa de criar uma sociedade sem Estado baseada nos ideais de liberdade e igualdade.

Os curdos são um grupo etnicamente não-árabe no Oriente Médio. Deste grupo, 28 milhões moram na região conhecida como Curdistão, que abrange áreas da Síria, Turquia, Irã e Iraque. Pela etnicidade e pela língua, o povo curdo está mais próximo dos persas do que de outros povos da região. Nos tempos antigos, as cidades-estado curdas foram conquistadas e subjugadas por invasores persas, romanos e árabes. Todos esses conquistadores lutaram para subjugar os curdos, muitas vezes comentando sobre sua “demanda obstinada de autonomia” (nas palavras de Xenofonte). Até o momento da ascensão do Império Otomano por volta de 1500, os curdos tinham garantido uma certa autonomia através de uma série de principados independentes que se estendiam desde a Síria até o Iraque. Os otomanos não fizeram intervenções por boa parte do tempo até o século XIX, quando ocorreram várias batalhas sangrentas para assegurar a manutenção da independência destas áreas em relação a Constantinopla. A primeira grande revolta curda, a Badr Khan Beg, ocorreu em 1847. Os otomanos a reprimiram, assim como fizeram com as revoltas subsequentes, mas a demanda pela independência curda se manteve pelo resto do século.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o partido da monarquia constitucional da Turquia, os “Jovens Turcos”, começou uma sistemática limpeza étnica contra os curdos, e de forma

Escombros de Kobane atingida pela guerra civil.



mais acentuada, contra os armênios. De 1916 a 1918, os “Jovens Turcos” deportaram 700.000 curdos e mais da metade deles morreu durante este processo brutal. Em 10 de agosto de 1920, após o fim da Primeira Guerra Mundial, os derrotados otomanos tiveram que assinar o Tratado de Sèvres. O tratado dividiu o Império Otomano, que na época ganhou o apelido de “o homem doente do Bósforo”, em diversos estados independentes não-turcos, incluindo um Curdistão independente. Mas em 1922 o movimento nacional turco, liderado por Mustafa Kemal Atatürk, um oficial militar e nacionalista convicto, venceu a Guerra de Independência e aboliu o sultanato. Esta mudança drástica de regimes forçou a Inglaterra e outras potências aliadas a renegociar os termos do tratado com o incipiente Estado nacionalista da Turquia. O Tratado de Sèvres foi abolido e um novo tratado, o de Lausanne, foi assinado por Atatürk e seu congresso nacionalista em 24 de julho de 1923. O Tratado de Lausanne devolveu o Curdistão à Turquia, sem reconhecer a existência dos curdos. No mesmo ano, Atatürk decretou 65 leis com o objetivo de destruir a identidade

dos curdos: os renomeou de “turcos da montanha”; proibiu o uso público da língua curda; transformou as celebrações curdas em ilegais; mudou os nomes curdos dados a ruas, vilas, negócios, etc. para nomes turcos; confiscou grandes extensões de terras comunais curdas; apreendeu fundos comunitários curdos; eliminou todos os partidos políticos e organizações de origem curda ou simpáticos à causa curda; e assim por diante. Os breves anos de esperança que se seguiram ao Tratado de Sèvres se transformaram em muitas décadas de brutal repressão estatal.

Iraque, Irã e Síria, três países em que há uma considerável população curda, também buscaram manter os curdos subjugados. O fim da Primeira Guerra Mundial simplesmente representou a mudança da opressão do Império Otomano para uma opressão mais sistemática de quatro Estados-nação autoritários, todos eles criados ou militarmente apoiados pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial como seus protetorados.

Na atual região da Síria foi criada uma Ocupação Colonial Francesa após a desintegração do Império Otomano. No momento da assinatura do Tratado de Lausanne, 18% das pessoas que viviam no Mandato Francês se identificavam como curdas, sendo a maior das minorias na colônia. Após uma série de rebeliões fracassadas dos sírios árabes, os franceses adotaram uma estratégia de “dividir para conquistar”. Eles encheram seus exércitos coloniais de curdos, cristãos, drusos e outras minorias étnicas e deram poderes significativos para as lideranças das tribos regionais curdas. Quando a Síria obteve sua independência da França em 1946, rapidamente atacou seus “inimigos internos”. Aproximadamente 200.000 curdos tiveram seus documentos de identidade retirados e foram declarados apátridas, permitindo que a nova República Síria se apropriasse das suas terras e das suas propriedades e os recrutasse para o trabalho forçado. A nova república de governo árabe mudou todos os nomes das cidades curdas e reassentou os beduínos árabes nas

idades e vilas curdas para servirem como policiais. Nas primeiras décadas após a independência, organizações e costumes curdos eram proibidos e milhares de líderes políticos e tribais foram presos. Em 1973, oficiais sírios decidiram criar um cinturão árabe ao longo da fronteira com a Turquia e desalojaram cerca de 150.000 curdos sem dar nenhum tipo de compensação. As décadas de 1980 e de 1990 viram desencadear frequentes demandas dos curdos para o reconhecimento da sua cultura e dos seus direitos civis, as quais muitas vezes foram respondidas com intervenções mortais da polícia síria ou, em alguns casos, do exército. Apesar da negligência e abuso sistemático dos curdos dentro de suas próprias fronteiras, a Síria tornou-se uma importante base de treinamento e refúgio para o PKK turco — uma organização marxista-leninista dedicada a garantir os direitos para os curdos na Turquia — até a década de 1990. A Síria estava praticando um jogo de “o inimigo do meu inimigo é meu amigo” contra a Turquia, uma política que preparou o palco para os eventos atuais de Rojava.

No Iraque, a situação dos curdos foi igualmente cruel, embora nesse caso os britânicos tenham sido os principais arquitetos de seu sofrimento, pois o Estado moderno do Iraque foi criado como um resultado do Acordo de Sykes-Picot da Primeira Guerra Mundial. O Tratado de Lausanne efetivamente alimentou as esperanças dos curdos pela independência no norte do Iraque e, por isso, os curdos iniciaram uma prolongada campanha de luta armada contra os novos superintendentes britânicos. Na repressão, os britânicos fizeram bombardeios aéreos e incendiaram vilas para esmagar as revoltas no nordeste do Iraque. Após suprimirem três revoltas fracassadas, embora muito sangrentas, os britânicos formalmente transferiram o controle do Curdistão Iraquiano para o recém-formado Reino do Iraque, que funcionou como uma marionete nas mãos dos britânicos até a série de golpes militares que levaram o partido Ba'ath ao poder em 1968. Os curdos seguiram lutando, militarmente

e politicamente, contra os vários regimes militares iraquianos. Em 1946, eles primeiro formaram o Partido Democrático Curdo e depois, em 1975, a União Patriótica do Curdistão. Finalmente, encontrando-se em uma desconfortável trégua com o partido Ba'ath no início dos anos 70, os curdos iraquianos experimentaram uma relativa calma nos breves anos antes da ascensão de Saddam Hussein ao poder, em 1979. Quase imediatamente, Saddam iniciou uma guerra de quase uma década contra o Irã, período em que ele dedicou uma particular brutalidade contra os curdos iraquianos, pois acreditava que eles não eram suficientemente iraquianos e apoiavam secretamente o Irã. Somente durante a campanha de al-Anfal, de 1986 a 1989, entre 100.000 e 200.000 civis curdos foram massacrados com armas químicas e em campos de concentração. A guerra entre Irã e Iraque terminou em um empate, porém o Iraque não se manteve longe de um conflito por muito tempo; ele foi invadido pelos EUA e pela OTAN, primeiro em 1990 e depois novamente em 2003. Os curdos aproveitaram estes dois conflitos para tirar o máximo proveito possível, levando à criação do Governo Regional do Curdistão (KRG) em 1991 e na sua independência de jure em 2005.

No Irã, os sonhos curdos de autonomia, que já passaram por gerações de opressões persas e otomanas, começaram antes da Primeira Guerra Mundial, durante a Revolução Constitucional do Irã de 1906. Esta constituição garantia diversos direitos mas não mencionava explicitamente os curdos como uma etnia, portanto não havia direitos específicos para proteger os curdos e sua cultura. Entre 1906 e 1925, os curdos criaram uma série de organizações civis e políticas poderosas para assegurar seus direitos e seu desenvolvimento no Irã. Em 1924, havia diversos jornais curdos, três estações de rádio e cerca de meia dúzia de partidos políticos. Em 1925, após o petróleo ser descoberto na região, o Xá tomou o poder com apoio do Ocidente (leia-se EUA e Reino Unido). Apesar do Xá adotar retoricamente a constituição de 1906, ele iniciou uma

campanha de “persianificação”, reprimindo diversas minorias do Irã, como os curdos. Para esse povo, isto resultou em deslocamento forçado, desaparecimento de lideranças civis e políticas, proibição da língua e da cultura curda e ocupação militar em regiões curdas. A Revolução Iraniana de 1979, na qual a oposição liderada por Khomeini derrubou o regime despótico do Xá, não resultou em uma melhoria de vida para os curdos. O novo regime fundamentalista acelerou o processo de nacionalização com leis e ações contra os curdos e sua cultura. Uma das primeiras ações do novo regime foi lançar uma série de ofensivas militares contra as regiões ocupadas pelos curdos no norte do país. Após seis longos anos sangrentos, o Irã conseguiu acabar com a autonomia e a resistência curda na região. No início dos anos 2000 um novo grupo de resistência, o PJAK que mantém relações estreitas com o PKK, iniciou uma campanha militar contra o Estado iraniano, resultando em uma nova onda de ataques às vilas curdas. Nesta época, o Irã acrescentou o assassinato de curdos no exílio como um novo mecanismo em seu repertório de repressão. Os EUA e a Europa se mantiveram praticamente em silêncio durante a repressão aos curdos, focando seus apoios aos reformistas iranianos

*População reconstruindo Kobane em 2014:
uma revolução “faça você mesma”.*



ao invés dos independentistas curdos, sobretudo em respeito à aliada Turquia. Enquanto isso, a Turquia compartilha sua agência de inteligência (e, possivelmente, se une em operações militares) com o Irã, que age de modo recíproco, para minar a resistência curda.

A repressão contra o povo curdo nos quatro Estados-nação da Turquia, Síria, Iraque e Irã levou a um padrão quase idêntico que envolveu deportações em massa, manter práticas e expressões culturais na clandestinidade, proibição da língua curda, ataques a organizações políticas e civis e, finalmente, a crescentes ações militares que assassinaram dezenas de milhares de curdos e ao bombardeio ou ao incêndio de vilas que caíram no esquecimento. A resposta do Ocidente a estas atrocidades também seguiu o padrão familiar de silêncio diplomático e indiferença geral, complementado com alianças periódicas com grupos curdos, sem qualquer prosseguimento e terminando com a identificação de qualquer resistência armada dos curdos como terrorismo. O Ocidente tem interesse em permitir que esse mesmo processo continue, usando os curdos vez ou outra como bode expiatório em alianças e manipulações regionais, em uma rede com uma complexidade cada vez maior.

Em 1978, em uma casa de chá em Istambul, um novo capítulo da resistência curda começou com a fundação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). O PKK foi o primeiro grupo militante da resistência curda a defender explicitamente a ideologia marxista. Propunham um Curdistão comunista e sua criação foi um reflexo da onda de revoltas operárias e de estudantes da esquerda radical que se iniciou naquele ano na Turquia. Imediatamente após sua fundação, o PKK conduziu uma série de assassinatos de pessoas do alto escalão e de atentados no Sul da Turquia, além de uma unidade de recrutamento muito bem sucedida. Parte do segredo do sucesso do PKK em recrutar militantes foi ter um líder carismático, Abdullah Öcalan — também conhecido como Apo — e a ênfase do partido em recrutar não somente homens, mas

também mulheres. Em 1980, houve outro golpe militar na Turquia, com o objetivo de restaurar a ordem no Estado. Neste ano, muitas lideranças do PKK foram presas e a maioria do comitê central foi obrigada a se exilar na Síria ou na Europa Ocidental. O exército turco foi capaz de frustrar muitas ações do PKK e pressioná-lo em seus redutos e em suas bases de treinamento no sudeste. O PKK encontrou-se em dificuldades para agir na Turquia e começou a organizar seus primeiros atentados na Europa. O PKK também estabeleceu parcerias com outros grupos radicais marxistas como a Organização de Libertação da Palestina (OLP), a Liga Comunista do Irã e o ASALA, o grupo marxista guerrilheiro da Armênia. Estes grupos tinham mais ligações e um acesso melhor a recursos do que o relativamente novo PKK no exílio.

Como comitê central do PKK dispersou suas bases de treinamento fechadas na Turquia, uma estrutura mais descentralizada começou a surgir. Bases de treinamento foram criadas e operações foram realizadas em vários países, da Europa (Bélgica e Alemanha) e do Oriente Médio (sobretudo Iraque e Síria). Em 1984, depois do governo civil ser restaurado na Turquia e alguns prisioneiros políticos serem soltos, o PKK conseguiu novamente reconstruir sua presença militante na Turquia. O PKK iniciou uma guerra de guerrilha, principalmente no sul da Turquia e ocasionalmente também em regiões do norte, como na cidade de Istambul. Eles empregavam uma variedade de táticas incluindo sequestros, sabotagem industrial, assassinatos de policiais e de oficiais militares, e atentados a bombas, além de fornecer serviços sociais e eventos culturais para as comunidades reprimidas dos curdos no sul. O novo governo civil turco respondeu com punições coletivas a vilas inteiras, ocupação militar nas regiões curdas e uma série de leis draconianas contra o PKK e seus supostos apoiadores curdos. Dezenas de milhares de pessoas na Turquia, incluindo um grande número de civis (90% deles curdos) perderam suas vidas nestes conflitos, que duraram até o cessar-fogo declarado em 2013.

A Turquia sempre considerou o PKK como uma organização terrorista, tornando isso oficial em 1979. A OTAN, na qual a Turquia é membro fundamental desde 1952, colocou o PKK e suas organizações-irmãs na lista de grupos terroristas em 2003, após uma forte pressão da Turquia nos anos 90. Um ano antes, a União Europeia e os EUA também acrescentaram o PKK nas suas respectivas listas, nas quais está mantido até os dias de hoje. Uma série de países do Ocidente com estreitas ligações econômicas e políticas com a Turquia utilizam a designação “terrorista” para perseguir o PKK, apreendendo seus bens, deportando seus apoiadores, fechando estações de transmissão de rádio e satélite simpáticas ao PKK e fornecendo bilhões para a Turquia em sua “guerra contra o terrorismo”. A Turquia também aproveita este rótulo de “terrorista” para combater as críticas que têm recebido por abusos de direitos humanos e uma série de condenações de tribunais internacionais contra o tratamento que é dado aos curdos. Hoje a Turquia tem mais de uma centena de organizações curdas em sua lista de terroristas, mas se recusa a colocar o ISIS nessa mesma lista. É claro que a Turquia está menos interessada em travar uma guerra contra o terrorismo do que uma guerra contra o povo curdo.

O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) declarou-se como o único Califado Islâmico legítimo no meio de 2014, nomeando-se a partir de então somente como Estado Islâmico. O ISIS tomou grandes faixas de território no leste da Síria e no oeste do Iraque, e é agora o grupo jihadista mais bem financiado e armado do mundo. O ISIS funciona com uma fome diária por atrocidades que não era vista até então na região, revivendo práticas de estupros coletivos, escravidão sexual e crucificação, e anunciam alegremente políticas de limpeza étnica e genocídios. A Turquia e outras grandes potências regionais têm sido cautelosas em confrontar diretamente o ISIS, preferindo transformar a ameaça de tal grupo em capital político e concessões das potências mundiais.

Apesar da sua atual ascensão meteórica, o ISIS não estourou em uma simples blitzkrieg da ideologia sunita puritana e linha dura — ele vem construindo suas forças desde a invasão americana do Iraque, em 2003. Anteriormente um ramo da Al-Qaeda no Iraque, o ISIS ganhou uma grande experiência militar lutando contra as forças da OTAN em Fallujah durante os primeiros anos da coalizão de ocupação do Iraque, até que se separou da Al-Qaeda e se rebatizou como Estado Islâmico do Iraque. Deixando essa recaracterização profética de lado, o Estado Islâmico do Iraque construiu sua força formidável no Iraque do meio para o final da década de 2000, antes de deslocar seu foco para a crescente agitação e caos da Guerra Civil Síria. O ISIS considera que aqueles que tenham qualquer outra crença que não seja seu modelo de islamismo sunita são infiéis que merecem a morte, e tem um prazer especial em executar muçulmanos xiitas e outras minorias, como os Yazidis e os curdos — ambos os quais estariam entre os poucos grupos que se levantaram contra sua orgia de violência e carnificina.

O GRANDE JOGO:

as potências mundiais e os curdos

A questão curda nunca foi um caso estritamente regional. Desde antes da Primeira Guerra Mundial até os dias de hoje, as potências que se estendem por todo o globo — da Austrália à América — estiveram envolvidas no assunto. Do Iraque até o Egito, os curdos têm sido usados como peões para alavancar a posição das potências na região. Assim como em um jogo de xadrez, o peão curdo é frequentemente sacrificado para se ter uma posição melhor no tabuleiro. Por várias vezes, as potências estrangeiras intervieram por um breve período, incentivando revoltas curdas somente para ter apoio estratégico e, assim que não precisaram mais desse apoio, abandonaram os curdos à sua própria sorte. Em

algumas situações, as potências mundiais apoiaram uma revolta curda enquanto simultaneamente apoiavam a repressão de um outro regime contra vilas curdas a poucos quilômetros de distância do outro lado da fronteira. A autonomia curda tem sido usada como uma ferramenta utilitária e dispensável para atender às demandas de outros países, desde a reorganização da região após a Primeira Guerra Mundial até a Nova Ordem Mundial de George H. W. Bush, passando também por outros interesses externos, como a ascensão do poder soviético durante a Guerra Fria e a difusão do Nasserismo. A autonomia curda tem sido sempre um meio, nunca um fim em si mesma, para os diversos estados que se envolveram nessa questão ao longo dos anos. Devido à sua posição precária, os curdos têm acreditado ingenuamente, década após década, que as potências mundiais realmente se preocupam com a sua causa, enquanto eles são manipulados por quem no momento está em vantagem geopolítica.

A diplomacia da União Soviética (1917-1991) se caracterizou por sobrepujar tanto os 450.000 curdos que residiam dentro de suas fronteiras quanto os curdos do Curdistão. Nos primeiros anos de União Soviética os curdos, assim como muitos outros grupos minoritários, foram desalojados de seu território e uma seção governamental especial foi criada na região para monitorar este processo. Esta seção foi reestruturada diversas vezes e finalmente foi extinta em 1930, quando o governo stalinista passou a recear que estava tornando-se simpático demais aos curdos. Sob Stalin, dezenas de milhares de curdos foram deportados para o Azerbaijão, Armênia e Cazaquistão, enquanto os curdos na Geórgia eram vítimas de expurgos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Durante a década de 1960, várias medidas foram tomadas pelo regime soviético para marginalizar e oprimir a população curda. Nos anos de 1980, o PKK — único partido político curdo com membros na URSS — começou a colaborar com os curdos que viviam na região da Transcaucásia e

efetuiu sérias investidas na população local. Em 1986, o desarmado PKK deu suporte para organizações formadas na URSS, embora fosse tecnicamente ilegal. De acordo com a imprensa turca, havia grupos do PKK no Cazaquistão até 2004.

Durante a maior parte do tempo a União Soviética, e depois a Federação Russa, não se envolveu diretamente na independência dos curdos desde a década de 1940, quando apoiaram a criação de um estado autônomo curdo no Irã. Apesar de o PKK ter tido as raízes comunistas nos seus primeiros anos, a União Soviética nunca lhe deu apoio por causa das relações da URSS com a Síria e a Turquia. Hoje em dia a Federação Russa é relutante em apoiar a independência curda no Curdistão, com temor da reação das minorias étnicas que vivem na Rússia, como os próprios curdos russos. Em vários momentos o PKK teve suporte para bases de treinamento, armas, recursos e abrigo para exílio em outros regimes comunistas, como Cuba, Angola, Vietnã, mas nenhum desses países quis apoiar diretamente, sem o apoio da URSS, seus companheiros comunistas em uma área muito complicada geopoliticamente. Alguns países socialistas apresentaram resoluções na ONU e a maioria dos países da órbita soviética votaram medidas em apoio à autonomia curda no Curdistão. A Rússia, junto com a China — país-membro do Conselho de Segurança da ONU —, também refutou designar o PKK ou quaisquer outros grupos políticos curdos como organizações terroristas.

As potências ocidentais e organizações como a OTAN estiveram envolvidas, de um modo ou de outro, na questão curda desde o início do século XIX, nos princípios do movimento pela autonomia curda. As diplomacias inglesa e francesa se utilizaram de vários curdos e dos seus sonhos de autonomia para assegurar seus governos coloniais no Oriente Médio. Durante algumas crises, como por exemplo as que se sucederam após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, diplomatas ficaram em um vaivém entre Paris ou Londres e as vilas

curdas, oferecendo uma pequena ajuda e vagas promessas de apoio no caso dos curdos participarem das suas maquinações políticas. As potências europeias não se limitaram a agir no território curdo, mas também se utilizaram do seu próprio país para envolver-se na questão curda. Países como Alemanha, Bélgica e Holanda por certo tempo permitiram que bases de treinamento de militantes curdos operassem em seus territórios, mas as invadiram e as fecharam ao sabor dos ventos geopolíticos da ocasião. A Grécia apoiou os curdos na Turquia e concedeu asilo político a oficiais do PKK em retaliação à invasão da Turquia no Chipre em 1974, mas após entrar em acordo com os turcos, a Grécia expulsou os militantes do PKK e interrompeu qualquer tipo de ajuda. A França também tentou usar os curdos para retardar a independência da Argélia; apesar do fato de não haver curdos no país, tentou convencer-lhes oferecendo parte do território argelino, que até então era possessão colonial francesa.

Os EUA atrasaram-se para o espetáculo de manipulação do desejo de liberdade dos curdos. Durante a maior parte da Guerra Fria, os EUA apoiaram o regime do Xá do Irã e seus agentes da CIA estiveram envolvidos ao mesmo tempo no apoio à repressão aos curdos feita pelo Irã e às revoltas curdas contra o Estado iraquiano. Durante a primeira Guerra do Golfo, quando o Ira — que invadiu o emirado do Kuwait, rico em petróleo, em agosto de 1990, Saddam Hussein se tornou o inimigo número um dos EUA. De 1987 até a invasão, os estadunidenses não disseram uma palavra sobre o regime de Hussein. Nestes anos, os EUA apoiaram o Iraque na ONU, quando Saddam Hussein matou dezenas de milhares de curdos com gás mostarda e bombardeando cidades e vilas inteiras. Porém quando começou a primeira Guerra do Golfo, George H. W. Bush declarou que os curdos eram “aliados naturais dos EUA” e sugeriu que se revoltassem contra o regime de Bagdá. Obviamente, Bush Pai sabia que os curdos já haviam enfrentado o regime Ba’ath em uma sangrenta e intermitente guerra civil de quinze anos.

Após a guerra, os EUA implantaram uma ineficaz zona de restrição aérea — o que aparentemente não incluía helicópteros — para “proteger os curdos”. Milhares de curdos e outros civis no norte do Iraque foram assassinados pelo exército de Hussein enquanto as forças aéreas dos EUA sobrevoavam, sem interferir em nada. Durante a segunda Guerra do Golfo, os EUA novamente pediram aos peshmergas apoio contra o regime Baath. Nesta época, os curdos decidiram cuidar eles mesmos da segurança do norte do Iraque, criando um exército capaz de assegurar a autodefesa — eles aprenderam esta lição na primeira Guerra do Golfo. Hoje em dia, o Governo Regional do Curdistão (KRG) existe não por causa da proteção dada pelos EUA, mas porque eles receberam os auxílios e os recursos do EUA e da coalizão e os utilizaram para preparar sua própria defesa. O KRG também traçou e seguiu sua própria estratégia diplomática com o incipiente e faccioso Congresso Nacional Iraquiano.

Muitos outros países, de China a Austrália, interferiram na questão curda, contribuindo para frustrar o sonho curdo de liberdade através de um Curdistão unido. Hoje, quase todos os países ocidentais designam as organizações curdas de terroristas, ao mesmo tempo que buscam seu apoio na guerra contra o Estado Islâmico e outros grupos jihadistas. Parece que os curdos perderam parte da ingenuidade e aprenderam que ser meros peões a serem sacrificados nos jogos do Ocidente não vai ajudar sua causa no longo prazo. A lição da Segunda Guerra do Golfo e da recente guerra civil na Síria é de que os curdos devem confiar nas suas próprias forças para garantir autonomia e justiça para o seu povo.

DA ESTRELA VERMELHA À ESTRELA ISHTAR

Embora o PKK não tenha sido fundado por comunistas ortodoxos, ele logo se tornou um clássico partido de libertação nacional de inspiração maoista, com um inquestionável “pai do povo” carismático, Abdullah Öcalan, também conhecido como Apo.

Pouca coisa diferenciava o PKK dos demais partidos maoistas de libertação nacional que surgiram no final da década de 1970 e nos anos 1980.

O PKK não era a única organização marxista no Curdistão — existiam outras organizações menores, algumas se intitulavam leninistas, trotskistas e até titoístas. Mas a filosofia revolucionária do maoísmo, baseada no campesinato, defendida pelo comitê central e pela liderança do PKK, representou de longe a força mais popular e militarmente mais efetiva de resistir à opressão.

A defesa do comunismo empregada pelo PKK angariou apoio dos velhos partidos tradicionais de esquerda no Ocidente, mas falhou em conseguir constituir uma real solidariedade. Enquanto as ideias maoistas incitaram os curdos a se libertarem da repressão estatal, estas mesmas ideias fizeram com que potenciais adesões, mais liberais, se distanciassem. Assim, as lutas do PKK foram ignoradas e algumas vezes condenadas por possíveis simpatizantes, dentro e fora da região. A ênfase na centralização do comunismo maoista também afastou muitas lideranças populares no Curdistão.

Os curdos tradicionalmente se organizam no âmbito social e político em tribos que estabelecem livremente relações entre si, e o apoio dado aos líderes das tribos segue critérios que não se baseiam na hereditariedade. Esporadicamente, os curdos formam grandes e temporárias confederações de tribos para organizar levantes e ações militares. Partidos políticos nunca conseguiram ter o monopólio político que é visto em muitas partes do mundo — não era estranho para um curdo fazer parte de alguns partidos e alternar seu apoio de acordo com qual partido é bem-sucedido no momento. Apesar destes obstáculos culturais, o PKK defendeu o comunismo linha-dura até depois da queda da União Soviética.

Para o PKK, a crise de fé no comunismo não ocorreu até 1999, quando seu líder Öcalan foi preso em Nairóbi pelo setor de inteligência do exército turco, levado à Turquia e encarcerado em

uma prisão insular, onde é o único prisioneiro. A imprensa turca exibiu o humilhado Öcalan, “o terrorista da Turquia”, algemado e inofensivo. Com seu líder preso e sem nenhum sucessor à vista, o comitê central do PKK entrou em crise. As cada vez mais frequentes táticas militantes de bombardeios, emboscadas e homens-bombas não estavam funcionando, e o crescimento dos ataques jihadistas no Oriente Médio e no Ocidente fizeram com que o PKK parecesse com outra organização terrorista islâmica, apesar da sua ideologia comunista. Isto, combinado com o colapso do socialismo na Europa Oriental e na Rússia, levou a um período de autocrítica ideológica do PKK e de seu líder.

A milhares de quilômetros de distância, no dia 1 de Janeiro de 1994 (cinco anos antes da captura de Öcalan) um novo tipo de luta de libertação saiu das esquecidas montanhas de Chiapas, no México. Os zapatistas, com sua bandeira com a estrela vermelha e suas máscaras pretas, irrompeu no cenário internacional e rapidamente inspirou a esquerda mundo afora. Uma pequena luta de libertação dos descendentes do povo maia surgiu na selva de Lacandona no sul do México e se auto-declararam autônomos. Estes revolucionários criaram um novo modelo político dentro da esquerda insurrecional, chamado de Zapatismo. O Zapatismo se afirma como um projeto de libertação e de luta de esquerda, que rejeita a hierarquia, o controle de um partido e a aspiração de se criar um aparato estatal. Os criadores desse novo modelo inicialmente passaram anos construindo uma guerrilha marxista ortodoxa no México, até que rejeitaram este modelo e saíram à busca de novas perspectivas.

Öcalan e outras lideranças do comitê central do PKK acompanharam a rápida ascensão exitosa dos zapatistas. Um ano antes de ser preso, Öcalan falou sobre o Zapatismo com os líderes do PKK em uma conferência de dois dias. E nos primeiros meses de cárcere, Apo teve uma “crise de fé” com a doutrina marxista e a possibilidade dela auxiliar na libertação dos curdos. Öcalan, que passou grande parte da sua vida defendendo a doutrina stalinista linha-dura, começou a

rejeitar o marxismo-leninismo em favor da democracia direta. Ele concluiu que o marxismo era autoritário, dogmático e incapaz de refletir criativamente sobre os reais problemas da resistência curda. Na prisão, Apo passou a ler autores anarquistas e pós-marxistas como Emma Goldman, Foucault, Wallerstein, Braudel e Murray Bookchin. Öcalan se impressionou particularmente com a filosofia anarquista do municipalismo ecológico de Bookchin, indo tão longe ao ponto de exigir que todas as lideranças do PKK lessem Bookchin. De dentro da prisão, Öcalan absorveu as ideias de Bookchin (principalmente as ideias contidas na obra *Civilization Narratives*) e escreveu seu próprio livro baseado nestas ideias, *The Roots of Civilization*. Porém, foi o livro de Bookchin *Ecology of Freedom*, de 1985, que Öcalan requereu como leitura obrigatória para todos os militantes do PKK. Foi este livro que passou a influenciar as ideias hoje encontradas em Rojava.

Em 2004, Öcalan tentou marcar um encontro com Bookchin por meio dos seus advogados, descrevendo-se como um “estudante” de Bookchin e ansioso para adaptar suas ideias à questão curda. Öcalan queria, sobretudo, discutir seu novo manuscrito, *In Defense of People*, de 2004, que ele esperava que iria mudar o discurso da luta curda. Infelizmente para Öcalan, Bookchin, com seus 83 anos de vida, estava muito doente para aceitar o convite e enviou uma mensagem de apoio no lugar da sua presença. Murray Bookchin morreu de ataque cardíaco dois anos depois, em 2006. Um congresso do PKK realizado no final daquele ano saudou o pensador estadunidense como “um dos maiores cientistas sociais do século XX” e prometeu: “as teses de Bookchin sobre o Estado, o poder e a hierarquia serão implementadas e realizadas através da nossa luta. (...) Vamos colocar essa promessa em prática como a primeira sociedade que estabelecerá um confederalismo democrático tangível.” Cinco anos depois, em 2011, a guerra civil síria deu aos curdos a chance para tornar esta promessa uma realidade.

A guerra civil síria começou como um desdobramento dos levantes que ocorreram em 2011 no Norte da África e no Oriente Médio



que o Ocidente nomeou de “Primavera Árabe”. Curdos de diversas matizes políticas se juntaram a estudantes, islamistas, trabalhadores, dissidentes políticos e outros exigindo o fim da repressão da ditadura de Assad. O presidente sírio Bashar al-Assad, entretanto, aprendeu as lições da Tunísia, Líbia e Egito e rapidamente mandou suas tropas reprimirem duramente o crescente movimento democrático. A maioria dos protestos pacíficos da primavera se transformaram no outono em uma insurreição armada generalizada contra o regime de Assad.

Quando os primeiros protestos começaram, o governo de Assad finalmente concedeu cidadania a um número estimado de 200.000 curdos, apátridas, em um esforço de neutralizar uma potencial oposição curda. No início de 2012, quando mais da metade do país estava sob controle de grupos rebeldes e milícias jihadistas, e as forças militares de Assad estavam dispersas, o governo decidiu retirar todos os funcionários estatais e militares das regiões ocupadas pelos curdos no norte, passando o controle de fato para os curdos e os yazidis que vivem ali. Grupos de oposição ao

regime, sobretudo o Partido da União Democrática (PYD) — alinhado ao PKK —, criaram estruturas de coalizão para administrar a região. Houve tensão entre o PYD e partidos alinhados com o Governo Regional do Curdistão (KRG) do Iraque, e, por certo tempo, houve duas coalizões concorrentes: o Comitê de Coordenação Nacional para a Mudança Democrática (NCC), alinhado ao PYD e o Conselho Nacional Curdo (KNC), alinhado ao KRG. No início de 2012, quando a tensão entre os dois grupos parecia que iria gerar um conflito armado, o presidente do KRG, Massoud Barzani, e líderes do PKK apresentaram uma proposta dos dois grupos em conjunto de se formar uma nova coalizão chamada Conselho Supremo Curdo (SKC), formada por mais de quinze partidos políticos e centenas de conselhos comunitários. Poucos meses após a formação, o SKC mudou seu nome para Movimento da Sociedade Democrática (TEV-DEM) e incluiu grupos não-curdos, como partidos políticos e organizações na coalizão. O TEV-DEM criou uma estrutura governamental interina para a região de Rojava.

O programa do TEV-DEM é profundamente influenciado pelas ideias do PYD de “confederalismo democrático”, as quais o PKK tinha adotado na sua plataforma oficial no Congresso Popular de 17 de Maio de 2005. De acordo com este programa, e nos documentos subsequentes e comunicados de Rojava, “o confederalismo democrático de Rojava não é um sistema estatal, mas sim um sistema democrático do povo sem o Estado... Ele baseia seu poder no povo para que ele tenha autonomia em qualquer esfera, incluindo a economia.” Em Rojava, as ideias do confederalismo democrático têm três principais eixos: municipalismo libertário, pluralismo radical e a ecologia social. O TEV-DEM tem implementado esta nova visão social em larga escala em Rojava desde inícios de 2012. O PKK tem tentado (e conseguido em grande medida) implementar o confederalismo democrático nas vilas espalhadas na fronteira da Turquia com Iraque desde 2009, experiências que serviram como inspiração à revolução de Rojava. Esta visão, tanto na Turquia como em Rojava, inspira-se fortemente no pensamento anarquista, feminista e ecológico contemporâneos.

GOVERNO SEM ESTADO:

democracia radical e descentralização

Como ter o anarquismo como base para um governo? Rojava não foi a primeira e esperamos que não seja a última experiência em criar uma nova forma de governo descentralizado sem o Estado e sem hierarquias. Desde 2012, dois milhões e meio de pessoas em Rojava têm participado nesta forma de governo, que se relaciona com a Revolução Espanhola (1936), os Zapatistas (1994), o movimento de assembleias de bairro na Argentina (2001-2003) e com o municipalismo libertário de Bookchin. Apesar destas semelhanças com as experiências e as ideias do passado, o que está sendo implementado no território devastado pela guerra de Rojava é único — e é extremamente ambicioso. Não é nenhum exagero afirmar que a revolução que está ocorrendo no norte da Síria é histórica, especialmente para os anarquistas.

No centro desta experiência estão os diversos “conselhos locais” que incentivam a máxima participação possível do povo de Rojava. O povo curdo tem uma longa história de assembleias locais baseadas nas alianças familiares e tribais. Estas assembleias semi-formais tem tido uma importância prática na organização social dos curdos por centenas de anos, então não é nenhuma surpresa que as assembleias cara-a-cara tornaram-se o esqueleto deste novo governo. Em Rojava, as assembleias de bairro constituem o maior número dos conselhos. Qualquer pessoa (incluindo os adolescentes) pode participar de uma assembleia na região em que vive. Em conjunto com estas assembleias de bairro há assembleias ligadas aos lugares de trabalho, organizações civis, organizações religiosas, partidos políticos e outros conselhos com base em afinidades (por exemplo, juventude). As pessoas muitas vezes compõem uma série de conselhos locais, dependendo das circunstâncias da sua vida. Estes conselhos podem ser pequenos, sendo composto por uma dúzia de pessoas, ou podem reunir centenas de participantes.



Reunião de comuna em Gire Spi, Rojava.

Mas independentemente do tamanho, eles funcionam de forma semelhante. Os conselhos trabalham com o modelo de democracia direta, ou seja, todos os participantes no conselho podem falar, dar sua opinião sobre as pautas a serem debatidas e votar nas propostas (embora muitos conselhos utilizem o consenso como método de tomada de decisão). É incerto para nós como é determinada a adesão nestes conselhos, mas sabemos que os conselhos do movimento de oposição anteriores a 2012 não tinham adesão fixa e que qualquer um que aparecesse na assembleia poderia participar plenamente. Também não sabemos com que frequência este conselho se reúne e como é determinada esta frequência. Temos conhecimento que as assembleias de bairro do Cantão de Afrin se encontram semanalmente, como é a prática de um dos conselhos dos trabalhadores do hospital. Estes conselhos locais constituem uma unidade inseparável da democracia de Rojava. Estruturas maiores (como o Conselho Supremo dos Cantões de Rojava) são compostos de representantes destes conselhos locais. Todas as decisões dos “conselhos superiores” devem passar pela aprovação dos conselhos locais, por meio da participação dos seus membros. Esta forma de

governo difere muito da tradição do federalismo liberal, na qual a federação se sobrepõe às esferas locais. Em agosto de 2014, por exemplo, um conselho regional decidiu que as forças de segurança locais deveriam portar armas para patrulhar as cidades, mas três assembleias locais não aprovaram a decisão e, desse modo, na região destas três assembleias foi decidido que a segurança deveria ser feita sem armas. O papel destes “conselhos superiores” atualmente é limitado pela articulação entre esta miríade de conselhos locais, para que todo o poder permaneça na esfera local. Há uma grande rotatividade na escolha dos representantes para compor estes “conselhos superiores”, com a definição de um prazo máximo para cada representante, definido nestes “conselhos superiores”; porém, os conselhos locais geralmente criam seus próprios mecanismos para aumentar esta rotatividade.

O objetivo do sistema de conselhos de Rojava é maximizar o poder local e a descentralização e alcançar um certo grau necessário de coordenação regional e troca de informações. O governo que permanece acima dos conselhos superiores se assemelha a um sistema de conselho parlamentar com representantes rotativos, um poder executivo composto pelos co-presidentes dos cantões e um poder judiciário independente. Todos os poderes governamentais emanam dos conselhos, e os conselhos detêm a autonomia local, assim formando a confederação. A confederação é formada por três cantões autônomos que têm seus próprios ministérios e milícias. Não existe governo federal no sistema de cantões de Rojava. Associação voluntária e apoio mútuo são conceitos-chave para a confederação, com a função de garantir a autonomia local. A associação voluntária leva à descentralização radical, ao impedir que quaisquer estruturas organizacionais que estejam acima se sobreponham às tomadas de decisões dos conselhos locais. Todos os organismos para além dos conselhos locais devem ser compostos por uma representação proporcional às comunidades étnicas dos cantões e devem ter

pelo menos 40% de cada gênero (incluindo todos os ministérios). Grande parte dos ministérios têm co-ministros, sendo um ministro homem e outra mulher, exceto o Ministério das Mulheres. A maioria das decisões do Conselho Supremo precisam de um apoio de 2/3 dos delegados dos conselhos superiores. Qualquer cantão detém autonomia em relação às decisões do Conselho Supremo e pode anulá-las e sobrepô-las na sua Assembleia Popular (o maior conselho de cada região), sem afetar sua adesão à confederação. Esta descentralização vinda de baixo para cima visa preservar o maior grau de autonomia para a população local e incentivar a máxima participação política possível.

Tanto a segurança interna quanto a segurança externa dos cantões é administrada pelas Assembleias Populares de cada cantão. A segurança local, o que seria equivalente à polícia, é chamada de Asayish (segurança em curdo). As pessoas que formam a Asayish e seus mandatos são escolhidas pelos conselhos locais e pela Assembleia Popular do cantão. A Asayish tem sua própria assembleia (mas não pode enviar representantes para a Assembleia Popular), na qual são eleitos os oficiais e são tomadas outras decisões. Em conjunto com a Asayish, existem as milícias de autodefesa populares para prover a segurança contra ameaças externas (por exemplo, atualmente o Estado Islâmico, mas isso também incluiria forças regionais e estatais). Estas milícias elegem seus próprios oficiais, mas estão sob a responsabilidade direta da Assembleia Popular do cantão. Tanto a Asayish quanto as milícias de autodefesa populares têm duas organizações: um grupo especificamente feminino e outro misto em termos de gênero. As milícias que estão fornecendo apoio mútuo em outro cantão (a Asayish geralmente é proibida de trabalhar em outros cantões) devem seguir a Assembleia Popular do cantão, mas podem manter seus próprios comandantes e unidades. Em tempos de paz, os cantões não mantêm os serviços de milícia.

A relação entre Rojava e o Estado sírio ainda está sendo testada. A Confederação dos Cantões de Rojava não está configurada como um Estado. Ao invés disso, inspira-se na ideia de dualidade do poder, ideia pensada originalmente pelo anarquista francês Proudhon. O KCK descreve a dualidade do poder como “uma estratégia para alcançar uma economia socialista libertária e uma autonomia política e social por meio do estabelecimento gradativo e então de uma rede de instituições de democracia de participação direta” para se opor à autoridade do Estado e do capitalismo. Rojava atualmente tem mantido um pacto de coexistência, a partir da Guerra Civil Síria, com os Estados vizinhos (Turquia, Iraque e Irã) que englobam o Curdistão. As pessoas em Rojava manteriam sua cidadania síria e sua participação no Estado sírio até o ponto em que isso não contradiga diretamente os princípios de Rojava. Esta coexistência nada fácil é a razão para que os cantões proibissem expressamente bandeiras nacionais, não criassem uma moeda, um ministério das Relações Exteriores, passaportes ou documentos de identidade e o porquê deles não terem um exército permanente. Não está claro se o povo de Rojava tem um plano de manter esta relação com o Estado sírio ou o que aconteceria em caso de situações de conflito.

Rojava não é nem um Estado nem uma sociedade anarquista pura. É uma experiência social ambiciosa que rejeita a sedução do poder estatal e o nacionalismo e, ao invés disso, adotou a autonomia, a democracia direta e a descentralização para criar uma sociedade livre para o povo de Rojava. Os princípios de Rojava se baseiam no anarquismo, na ecologia social e no feminismo, em uma tentativa de traçar uma visão de sociedade que enfatiza a responsabilidade e a independência para uma comunidade radicalmente plural. Não está claro se esta experiência vai caminhar para uma maior descentralização como sugere Bookchin e que os zapatistas têm implementado ou se irá se tornar mais centralizada e federalista, como ocorreu na Revolução Russa e Espanhola. O que está acontecendo agora é um momento

histórico das tradicionais lutas de libertação nacional e deve ser de grande interesse para os antiautoritários de todo o mundo.

PLURALISMO RADICAL

Embora enxerguemos a revolução de Rojava como um movimento curdo, não devemos ignorar a dinâmica pluralista da região e as aspirações dos povos dos três cantões que formam a Confederação de Rojava. Devemos também levar em conta o fato de que os próprios curdos não são um povo homogêneo, sendo constituído por numerosos grupos tribais distintos e quatro religiões. A diáspora curda encontrou muitos curdos, incluindo alguns líderes ideológicos, vivendo em cidades e frequentando universidades na Europa. Esta orientação cultural ajudou a inspirar uma visão tolerante e pluralista no Curdistão.

Os princípios de Rojava não apenas falam sobre pluralismo e diversidade em relação a etnicidade e fé, mas também criaram estruturas organizacionais para possibilitar ao máximo colocar estes princípios em prática.

A região de Rojava é dominada pelos curdos, com aproximadamente 65% da população identificando-se como curda. Os 35% restantes são formados por árabes, armênios e assírios. Houve imigração tanto de curdos quanto de não-curdos para a região, vindos de zonas de conflito na Síria. Estima-se (embora os números sejam pouco confiáveis) que mais de 200.000 pessoas se deslocaram para Rojava desde o início da guerra, partindo de outras partes da Síria. Um número substancial destes novos imigrantes pertence a minorias étnicas e religiosas da Síria e do leste do Iraque.

No que diz respeito à religião, os curdos são a etnia mais diversificada da região. A maioria dos curdos (55-65%) é de muçulmanos sunitas, que pertencem à tradição Shafi. Existem também curdos muçulmanos que seguem as tradições alevita, xiita e sufi. Há um número razoável de curdos cristãos, muitos deles

imigraram para Rojava após o início da guerra. O mesmo ocorreu com os Yazidis, uma religião sincrética que tem conexões com o zoroastrismo, judaísmo e islamismo. Uma pequena minoria em Rojava segue uma nova forma do zoroastrismo e também há um pequeno grupo de curdos judeus. A maioria destes grupos religiosos tradicionalmente vive em comunidades próximas umas das outras, em parte devido a reassentamentos forçados e auto-exílios, e muitos dos edifícios religiosos são compartilhados. Há também uma elevada porcentagem de casamentos inter-religiosos.

Rojava abraçou sua diversidade e mantém um compromisso explícito com o pluralismo. Eles utilizam o termo pluralismo radical para descrever como sua abordagem difere do sectarismo extremo encontrado na maioria da região. Há conselhos locais específicos para cada grupo étnico e organização religiosa. Nos conselhos superiores (por exemplo, os conselhos das cidades e das regiões) há cotas étnicas para assegurar que todos os grupos étnicos estarão representados. Um sistema similar de cotas existe em todos os ministérios, exceto nos ministérios das etnias e das religiões específicas. Os princípios de Rojava também reservam uma série de proteções para minorias étnicas e religiosas (incluindo também as pessoas que não seguem nenhuma religião). As milícias e as organizações de segurança têm características pluralistas explícitas, ao serem compostas por diferentes grupos étnicos e religiosos trabalhando em conjunto.

Rojava criou um novo caminho de pluralismo que não existe atualmente em qualquer outro lugar da região. Rojava rejeitou o apelo ao secularismo, como aquele da Turquia, que oprime organizações religiosas e seus praticantes, em troca de uma sociedade pluralista e ao invés disso fixou-se como um refúgio seguro de respeito e empoderamento político para as minorias étnicas da região.



Combatentes da YPJ -
Unidades de Defesa de Mulheres

FEMINISMO NAS REPÚBLICAS DE ROJAVA

As militantes curdas foram “descobertas” e espetacularizadas recentemente pela mídia ocidental — inclusive as revistas de moda. Mas a mídia apenas louvou as militantes, não dando atenção às suas práticas políticas. É muito fácil cair na armadilha da mídia e fetichizar as militantes curdas que compõem as brigadas de autodefesa feminina (a YPJ), organização especificamente feminina, e as brigadas de autodefesa geral (a YPG), organização mista em termos de gênero, sem considerar as implicações da escolha delas serem guerrilheiras em uma sociedade extremamente patriarcal. As mulheres que lutam em Rojava estão lutando por suas vidas. Elas lutam pelos seus direitos de ser mulher contra um inimigo que estupra e vende mulheres como escravas sexuais. Mas isso não é novidade — as mulheres na região lutam há décadas. Na verdade, tradicionalmente, metade dos membros do PKK tem sido composta por mulheres. O que é novo entre as combatentes de Rojava é seu feminismo explícito, um feminismo que se tornou um dos princípios

fundamentais da experiência de Rojava. A cultura curda geralmente é fortemente patriarcal: a dominação masculina prevalece e casamentos arranjados e forçados são comuns. A YPJ não luta apenas contra o ISIS, ele luta pelo feminismo e pela igualdade de gênero — e elas estão fazendo isso tanto com ideias quanto com balas.

A YPJ existe como um contraponto à YPG. As mulheres de Rojava têm a esperança de que um dia a YPJ não será mais necessária, mas até esse dia chegar ele funcionará como uma força inteiramente feminina para lutar tanto externamente quanto internamente, contra os inimigos de Rojava, e para resolver questões sociais. A YPJ pretende eventualmente tornar-se parte da YPG, mas em uma demonstração de pragmatismo idealista, o KCK designou que, pelo menos em um futuro próximo, a YPJ é necessária como uma força de combate exclusivamente feminina para equilibrar a tradicional orientação masculina do militarismo das milícias armadas, como a YPG (ou sua organização-mãe, o PYD). Além disso, enquanto a liderança de todos os conselhos de governo dos cantões de Rojava é composta por pelo menos 40% de cada sexo, a liderança do YPG é frequentemente mais parecida com 50-60% de mulheres, já que recruta maciçamente da liderança do YPJ. Além da milícia YPJ, a força de segurança especificamente feminina Asayish-J (Asayish significa segurança, em curdo) é a única responsável por tratar crimes que envolvem mulheres, crianças, abusos domésticos e crimes de ódio, operando de forma independente em relação ao Asayish “padrão”.

É claro que a YPJ traz à lembrança outras forças de combate só de mulheres — talvez a mais famosa, a Mujeres Libres na Revolução Espanhola. Essa comparação é ao mesmo tempo precisa e perigosa, pois as Mujeres Libres de fato formaram uma grande força de combate na luta por uma noção radical de igualdade sexual e de gênero, mas, infelizmente, elas também se tornaram uma ideia que é colocada por muitos em um pedestal, desconsiderando que se tratavam de seres humanos reais. Não devemos cair no mesmo erro

com o orientalismo quando se trata do feminismo em Rojava: estas são pessoas reais que arriscam suas vidas por ideias políticas. Elas não são mulheres saídas de um livro de história, como a mídia vem caricaturando, mostrando-as como “mulheres duronas”, “amazonas sexys”, por terem pego em armas.

Um dos vários meios pelos quais as militantes curdas lutam pelos direitos das mulheres no Curdistão tem sido a criação, pela Asayish-J, de casas dedicadas exclusivamente para as mulheres. Nestas casas, qualquer mulher com mais de 15 anos pode ir e ficar por tanto tempo quanto elas quiserem. Lá elas recebem educação gratuita e depois voltam para suas casas (se desejarem), no momento em que elas quiserem. Não é permitida a entrada de nenhum homem nestas casas, com o intuito de proteger a integridade do espaço e para garantir que as mulheres se sintam confortáveis e seguras. Atualmente trinta destes espaços funcionam em toda a região de Rojava. E, como uma resposta aos suicídios causados pelo casamento forçado, a Asayish-J criou uma linha direta para as mulheres, oferecendo apoio emocional e físico a qualquer momento.

O feminismo em Rojava transcende à YPJ e a Asayish-J e é um dos três princípios fundamentais da Revolução de Rojava. A sociedade, tal como preveem os princípios de Rojava, deve ser definida como um novo caminho para o feminismo; somente declarar apoio ao feminismo não é suficiente. Com isso em mente, o feminismo é uma prática essencial em todas as interações sociais nos três cantões, e as mulheres são consideradas como autênticas atrizes políticas com genuína agência — elemento que é revolucionário por si mesmo.

UMA ECONOMIA POPULAR

O planejamento econômico da Revolução de Rojava é chamado de “Economia Popular”, para se diferenciar do tradicional mercado e das economias socialistas de Estado. Mas embora ele se coloque

como uma alternativa ao dualismo capitalismo e comunismo, ainda não é um modelo completamente formado.

Há três conceitos-chave na Economia Popular: bens comuns, propriedade privada baseada no uso e empresas administradas pelos trabalhadores. A experiência econômica de Rojava é menos uma implementação de um conceito único do que um sistema improvisado que deve responder às necessidades de uma guerra e um embargo econômico.

Em 2010, um ano antes da Primavera Árabe explodir na Síria, a região de Rojava provia mais de 40% da produção nacional de gás e petróleo e 70% da sua exportação, apesar de apenas 17% da população da Síria viver na região. E, no entanto, a população de Rojava vive com uma renda bem abaixo da média do país. A região de Rojava fica na famosa planície mesopotâmica, entre o rio Eufrates e o Tigres, e é um dos centros agrícolas mais antigos no mundo. Até 2011, o norte da Síria exportou grãos, algodão e carne para seus vizinhos e para a Europa e foi a região que mais produziu petróleo do país. A abundância de água dos rios da região propiciou a construção de fábricas de cimento e outras indústrias nas décadas de 1970 e de 1980. No entanto, desde o início da guerra civil síria, a infraestrutura necessária para manter essas atividades econômicas foi desmoronando. Sistemas de comunicação, de transporte e as estradas foram seriamente comprometidos. Infraestrutura debilitada, guerra constante e um embargo muito estrito (sobretudo da Turquia, que é a única fronteira estável com Rojava) fizeram com que a tradicional economia da região ruísse. Em 2012, o PYD lançou o originalmente chamado Plano de Economia Social, depois renomeado para Plano de Economia Popular (PEP). O PEP se baseia nos escritos de Öcalan e nas experiências vividas pelos curdos no Norte do Curdistão (sul da Turquia).

A tradicional “propriedade privada” foi abolida em 2012, e todos os prédios, terras e infraestrutura passaram para o controle dos vários

conselhos de cidade. Entretanto, isso não quer dizer que as pessoas não eram mais donas de suas próprias casas ou de seus negócios. Os conselhos implementaram o princípio soberano da “propriedade por uso”, um princípio que não pode ser anulado. Propriedade por uso significa que quando um prédio, como uma casa ou um negócio, está sendo utilizado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, os usuários possuem de fato a terra e as estruturas, mas não podem vendê-las no mercado.

Öcalan escreveu que a posse previne a especulação e a acumulação de capital, que por sua vez conduz à exploração. Fora as propriedades baseadas pelo uso, em princípio, qualquer outra propriedade torna-se bem comum. Esta abolição da propriedade privada não se estende também às comodidades como automóveis, máquinas, eletrônicos, móveis, etc. mas limita-se à terra, à infraestrutura e às estruturas.

Os bens comuns abrangem terras, infraestrutura e os edifícios que não são de propriedade de indivíduos, e são administrados pelos conselhos. Os conselhos podem transformar os bens comuns em individuais, para serem utilizados dessa maneira. Os bens comuns são concebidos tanto como uma rede de segurança para quem não tem recurso quanto como um meio de maximizar o uso dos recursos materiais da comunidade. Os bens comuns abrangem também aspectos ecológicos da região, incluindo água, parques, fauna selvagem, deserto e até a maioria dos rebanhos. De acordo com o Dr. Ahmad Yousef, um co-ministro de economia, três quartos da propriedade privada tradicional tornaram-se bens comuns e um quarto continua na posse individual. O plano econômico (PEP) afirma que os bens comuns são economicamente consistentes o suficiente, por isso não há necessidade de impostos, e desde o início da Revolução de Rojava os impostos de qualquer natureza foram abolidos.

A gestão dos trabalhadores é a terceira base do plano econômico. Os trabalhadores controlam os meios de produção nos seus locais de trabalho por meio de conselhos de trabalhadores que são responsáveis para os conselhos locais. Segundo o Ministério da Economia, os conselhos de trabalhadores só foram formados para cerca de um terço das empresas de Rojava até agora. Estes conselhos são coordenados pelos vários ministérios econômicos e conselhos locais para assegurar uma boa circulação de produtos, suprimentos e outros itens essenciais.

O PEP também conclama que toda atividade econômica dos cantões tenha preocupação ecológica. Está incerto quem é responsável por isso, se são os conselhos de trabalhadores, os conselhos locais, os conselhos de cidade ou as assembleias populares. Ao longo das várias declarações dos ministérios da economia, é possível notar uma sensibilidade à questão ecológica — porém faltam informações detalhadas.

O PEP também é vago sobre suas relações com outras economias dentro e fora da Síria. Uma quantidade substancial da atual atividade econômica vem da venda de petróleo para fora no mercado negro. No final de 2014, representantes de Rojava viajaram pela Europa procurando estabelecer “parceiros comerciais” e pareciam estar sugerindo uma política padrão de mercado, enquanto ao mesmo tempo eliminavam bancos e outras instituições financeiras dentro de Rojava. Os princípios do cantão de Rojava também afirmam claramente que a região não irá produzir seus próprios títulos ou moeda, por isso não está claro como tais relações comerciais se estabeleceriam com os outros governos, mesmo que o embargo fosse suspenso.

A força do PEP parece estar em como ele humaniza a economia para a população local. Ele atinge isto tanto com a criação dos bens comuns, disponíveis para a comunidade que necessita de recursos, como com a propriedade limitada a uma pequena escala, atendendo às necessidades locais. A gestão dos trabalhadores incrementa e expande

a participação na economia local e torna a economia mais responsável perante aqueles diretamente afetados por ela. O PEP visa criar uma autossuficiência que esteja aliada ao manejo ecológico, colocando as pessoas e o planeta acima dos lucros. Em suma, o PEP está tentando criar a economia local e participativa combinada com um governo local e participativo.

ROJAVA NÃO PODE ESPERAR – NEM NÓS PODEMOS

Os radicais do Ocidente em sua maioria têm ficado em silêncio em relação à Revolução de Rojava, e nós nos encontramos em uma estranha situação, em que a grande mídia está mais interessada nestes eventos do que nós mesmos. Há, sem dúvida, uma série de razões e pretextos para essa falta de interesse na experiência revolucionária que está ocorrendo no norte da Síria.

A principal objeção na esquerda para apoiar a Revolução de Rojava é que ela é incerta. Anarquistas há muito tempo têm visto revoluções populares em outros lugares serem neutralizadas por elementos liberais ou serem sequestradas por grupos autoritários de esquerda. Muitos na esquerda estão preocupados com o papel que o PKK e seus representantes desempenham nessa revolução. O PKK tem um histórico de trinta anos de apoio firme à prática e à ideologia maoísta/stalinista, o que o distanciou, legitimamente, da esquerda libertária do Ocidente. Em particular, o autoritarismo linha dura do PKK e sua tendência sectária em silenciar qualquer discordância entre os radicais no Curdistão fez com que o apoio ao PKK na Europa e na América do Norte diminuísse sensivelmente. Porém, há mais de uma década, desde a prisão de Öcalan, o PKK vem reivindicando um modelo de organização mais próxima do anarquismo e tem trabalhado com diversos outros grupos radicais. Mais importante é que Rojava, onde o PKK tem forte influência através



Coletivo anarquista turco DAF em apoio a Rojava: solidariedade além das fronteiras!

do PYD, não apenas rejeitou o autoritarismo em seu discurso e nos seus escritos, mas sobretudo rejeitou em suas práticas. Mesmo se alguém permanecer cético em relação ao PKK e ao PYD, o fato é que atualmente não há nada de autoritário ou sectário nas estruturas políticas de Rojava que possam dar margem para que os ocidentais mantenham seu ceticismo ou reticência.

Se isto é porque o PKK mudou por vontade própria, ou porque ele foi forçado a mudar pelo povo, realmente não importa. A única questão a este respeito é como a revolução está se desenvolvendo em suas palavras e atos, e se estas palavras e atos são autoritários ou sectários. Qualquer análise sincera do que está acontecendo nos últimos anos em Rojava demonstra um compromisso honesto com a pluralidade e a descentralização nas ideias, nas palavras e na prática. O passado esboçado do PKK mostra a necessidade dos revolucionários e anarquistas do Ocidente de apoiarem a Revolução de Rojava agora. Pois se o PKK não mudou, então nós temos que apoiar e reforçar no que pudermos a ideologia do antiautoritarismo e

da descentralização radical para evitar que a revolução seja desviada pelo PKK ou por qualquer grupo autoritário de esquerda. E se o PKK mudou, então mais um motivo para apoiar um projeto político que é autenticamente radical e libertário.

Muitos de nós estamos confusos, e com razão, com a complexidade da luta curda e com a política da região. Isso é compreensível, mas a complexidade não deve ser uma desculpa para nós ignorarmos apoio e solidariedade. A cada dia que passa, temos acesso a mais recursos, que nos ajudam a compreender um pouco mais sobre a complexa história não apenas da luta curda, mas de toda a região. Nós podemos aprender sobre isso. E isso já foi feito antes. Por exemplo, a luta palestina é extremamente complexa e cheia de nuances, mas a esquerda radical se solidarizou, a tomou como uma luta sua também e trabalhou para que a causa palestina se tornasse compreensível para os ocidentais. Devemos nos educar e fazer propaganda para outras pessoas sobre a luta curda e, sobretudo, sobre Rojava, ao invés de nos abstermos dessa conjuntura histórica e ficarmos à espera de que outras pessoas, que não compartilharam nossa visão sobre política e nem o projeto político de Rojava, nos expliquem o que está acontecendo lá.

Há muitos radicais com receio dos curdos, e por extensão de Rojava, por causa do apoio militar dos EUA para as milícias YPG e YPJ. Os EUA têm estabelecido alianças táticas com os guerrilheiros curdos em vários conflitos no Oriente Médio nos últimos vinte anos. Há uma preocupação de Rojava ser ou se transformar em um Estado fantoche dos interesses estadunidenses na região, algo que os radicais dos EUA não têm a mínima vontade de apoiar. Mas o apoio dos anticapitalistas a Rojava dificilmente pode ser visto como um apoio implícito aos interesses dos Estados Unidos no exterior. Parece claro que o atual apoio dos EUA a Rojava é uma simples questão pragmática visando barrar a ofensiva do ISIS. A revolução de Rojava não é especificamente anti-EUA, mas é explicitamente

anticapitalista e antiestatal, o que é algo que podemos e devemos apoiar plenamente. Para ignorar esse fatos é preciso manter-se em uma posição essencialista, o que tantas vezes fez com que os radicais do Ocidente se restringissem ao campo da teoria e da academia.

A distância geográfica e o fato de haver poucos imigrantes curdos nos EUA dificultaram o contato direto, fazendo com que a maioria das pessoas se informassem a partir da mídia. Embora seja verdade que é mais fácil para os radicais viajar para Chiapas, Grécia, Palestina ou Ferguson do que para o norte da Síria, não devemos deixar que isso impeça o nosso apoio e solidariedade. Outros meios de comunicação também foram comprometidos por causa da guerra civil e de ações do governo sírio. Durante a Primavera Árabe, o governo sírio limitou drasticamente a internet, indo tão longe a ponto de cortar as linhas a cabo e, desde o início da guerra civil, o acesso à internet ficou extremamente precário. O embargo econômico e o fechamento da fronteira entre Turquia e Síria pelos militares turcos também restringiu severamente as viagens e o fluxo de informações. O isolamento geográfico e de comunicação sem dúvida retardou o apoio de grupos radicais do Ocidente. Porém o México, os EUA e Israel já adotaram estas táticas reprováveis antes, na tentativa de suprimir o apoio para outras lutas, e isso não nos impediu de apoiá-las. E se Rojava passa por um grande perigo, então nosso apoio é mais do que necessário. A cada semana, ativistas em Rojava e em outras partes do mundo estão abrindo canais de comunicação e nós deveríamos estar ativamente engajados nesta tarefa.

Existem inúmeras desculpas para por que os radicais nos EUA preferem esperar para apoiar a revolução de Rojava, mas não podemos nos dar ao luxo de esperar. Embora seja óbvio que os revolucionários de Rojava necessitam do nosso apoio, nós também precisamos da revolução de Rojava para o nosso próprio trabalho aqui no Ocidente. A política revolucionária do Ocidente têm esperado

por muito tempo para uma renovação de novas ideias e práticas, e a revolução de Rojava em todos seus âmbitos é algo que devemos apoiar, se levarmos nossa própria prática política a sério. O povo de Rojava não pode esperar mais por nosso apoio e nós também não podemos esperar para fazer uma análise segura dos fatos quando eles já passaram, a partir de uma visão retrospectiva. O povo de Rojava decidiu lutar e nós devemos fazer o mesmo.

Escrito por StrangerS in a tangled WilderneSS e originalmente publicado no livro “A Small Key Can Open a Large Door” em 2014. Traduzido para o português e lançado no livro “Soresa-Rojavaye – Revolução Uma Palavra Feminina” em 2016, por Comitê de Solidariedade a Resistência Curda – SP e Biblioteca Terra Livre.

Roubado, livremente editado e publicado nessa edição por Facção Fictícia.

Por favor, copie e difunda, citando ou não a fonte.



“No mundo de hoje, de controle sufocante por parte do Estado e domínio das grandes empresas, seria um erro e uma falta de solidariedade ignorar as lutas nessa obscura região do norte da Síria agora chamada Rojava. Para inspirar nosso trabalho, precisamos escutar aqueles que constroem frágeis e imperfeitos oásis de liberdade. As pessoas que arriscam suas vidas nos escombros de Kobane precisam do nosso apoio não somente por resistirem aos assassinos reacionários e fanáticos que querem matar cada um deles, mas também na tentativa de criar uma sociedade sem Estado baseada nos ideais de liberdade e igualdade. O povo de Rojava decidiu lutar e nós devemos fazer o mesmo.

